

A vaca brava

INICIAL

Na aldeia de Alvenaria quase nada acontecia. As pessoas tinham uma vida normal. Uma vida de aldeia.

No inverno, havia pouco trabalho. No verão, as pessoas saíam de manhã muito cedo para trabalhar nos campos. Voltavam às duas ou três da tarde para almoçar. Depois, dormiam a sesta. Ao fim do dia, iam regar as hortas.

Era assim a vida. Sem pressas, sem preocupações, sem relógio. Como no paraíso.

Mas um dia tudo mudou. E tudo por causa de uma vaca. Uma vaca grande e forte, com grandes cornos.

O animal apareceu, um dia, no meio da aldeia, no largo da fonte. O bicho caiu ali como por magia. Meia dúzia de mulheres e homens estavam no largo, à conversa, naquela hora. Quando viram a vaca, ficaram muito espantados. Mas não tiveram tempo de fazer nada, porque a vaca começou a correr em direção a eles a toda a velocidade. Primeiro, correu para

os homens, que fugiram para trás de uma árvore. Depois, correu atrás das mulheres, que fugiram para a taberna. Aquilo parecia uma tourada! Depois desta cena toda, a vaca desapareceu.

A notícia do aparecimento e desaparecimento da vaca correu depressa pela aldeia. Ninguém sabia de onde vinha a vaca. Ninguém sabia de quem era a vaca. E uma vaca tão grande e forte – e com uns cornos tão grandes! Foi o pânico geral. Chamaram a Polícia, mas esta não podia fazer nada. Chamaram o Presidente da Câmara, mas o que é que ele podia fazer? Chamaram o padre, mas o padre não sabia nada de vacas.

Durante uma semana, ninguém viu a vaca. Mas, passado mais ou menos 15 dias, a vaca voltou a aparecer. Desta vez, apareceu no milheiral do Joaquim Dornas. O homem apanhou um grande susto. Ainda hoje gagueja. A seguir, a vaca apareceu na horta do padre. O padre assustou-se muito e durante um mês não deu a missa. Depois, misteriosamente, a vaca nunca mais apareceu. Desapareceu de vez. Desapareceu a vaca, mas o mistério continuou. O mistério da vaca brava...

O tempo passou.

Um dia, o Vitorino Lomba, que era sapateiro, veio anunciar na taberna:

– Eh, gente! No próximo domingo, aqui no largo, há comida e bebida para todos! A minha Maria teve agora um rapaz! Um rapaz! Vamos festejar!

O Vitorino estava casado há dez anos, mas este era o seu primeiro filho. Este filho era a maior alegria da sua vida.

No domingo da festa, Vitorino deu vinho, pão e bifés. Toda a gente da aldeia comeu e bebeu muito. Ao fim da tarde, os homens já estavam bêbedos e conversavam como bêbedos. Alguém começou a dizer:

– Os bifés estavam muito bons! Nunca comi tanta carne!

Depois, outro homem disse:

– Eu não comia bifés de vaca desde o meu casamento.

A seguir, um outro homem perguntou:

– E onde é que o Vitorino tinha tanta carne de vaca?

Esta pergunta foi a pergunta mágica. Alguém, entusiasmado – e bêbedo –, respondeu:

– Ah!! Foi o Vitorino que apanhou a vaca brava! Matou-a e fez bifés! Ah, grande Vitorino!

O Vitorino ainda disse que não apanhou vaca nenhuma. Disse que comprou os bifés no talho. Mas ninguém o ouvia. O Vitorino era agora um herói. E o Vitorino aceitou ser um herói.

A história da vaca correu o país. A aldeia de Alvenaria passou a chamar-se Aldeia da Vaca Brava. E começou a receber muitos turistas. Abriram-se dois restaurantes e uma estalagem. No largo da fonte, puseram uma estátua de uma vaca com grandes cornos.

Vitorino deixou de ser sapateiro. Agora, passava o dia ao lado da estátua da vaca para os turistas lhe tirarem fotografias. As gorjetas dos turistas chegavam para o homem ter uma vida boa.

Ficha Técnica

Título: “A vaca brava”

Obra: Contos com nível (A1)

Autoria: Ana Sousa Martins

Editora: LIDEL

Edição: 1.^a

Páginas: 49-52

Ano: 2021